MEN'S GILLETTE, STORY

BLADEFREGA



MEN'S GILLETTE, STORY

THE FAMILY · 07

O menino diabo.

"Enzo", disse minha mãe ao meu pai, "precisamos colocá-lo em um internato.

Não dou mais conta do Nando.

Controlá-lo é impossível.

Pior do que isso, ele é imprevisível."

Ela fez uma pausa.

"Você sabe o que ele fez hoje?"

"Não. Me conta."

"Ele estava na loja comigo e, sem que eu percebesse, a tesoura comprida desapareceu.

A que eu uso para cortar tecido.

As peças de tecido de trinta metros.

Tive que usar a tesoura de reserva.

Procurei por quase uma hora.

Depois eu o vi voltando.

Calmo.

Sorrindo.

Com a tesoura na mão."

Meu pai levantou os olhos.

“Onde ele estava?”

“No bar.”

“Fazendo o quê?”

“Nosso filho tem cinco anos, Enzo.

Você é o pai dele.

Tente assumir alguma responsabilidade em vez de rir feito um idiota.

Estou preocupada.

O que vai ser dele?”

Minha mãe estava com medo.

Quando voltei, no entanto, não estava sozinho.

Rocco Pizzimenti, dono do bar Orfeo, voltou comigo.

Ria tanto que mal conseguia ficar de pé.

Segundo Rocco, ele gostava de me chamar de corno com frequência.

Naquela tarde eu tinha decidido resolver a questão.

“Você sabe o que ele fez?”, disse Rocco.

“Ele veio ao bar com aquela tesoura.

Para cortar minha garganta.

Eu mantive distância e continuei tirando sarro dele.

O bar inteiro ria.

Mas ele não desistia.

No fim tiveram que arrastá-lo para fora.”

Meu pai riu.

Rocco riu.

Os clientes riram.

Eu não.

Com o tempo Rocco parou de me chamar de corno.

Foi quando ele entendeu que eu não era exatamente o que ele esperava.

Minha mãe tinha chegado a essa conclusão muito antes.

Na manhã seguinte, ela me levou direto para o internato.

As Irmãs de São Vicente.

Pagou a matrícula e a anuidade em um único pagamento.

Um seguro.

Contra o meu retorno em menos de quarenta e oito horas.

Também chegou a um acordo particular com a Madre Superiora sobre o tratamento que eu receberia.

Meu pai era vendedor.

A Madre Superiora era napolitana.

Olhando para trás, a combinação de um pai vendedor e uma Madre Superiora napolitana explica quase tudo o que veio depois.

Sem chamar muita atenção, meu pai também garantiu que o convento recebesse um fornecimento constante de material

promocional da Gillette.

Sacolas plásticas, principalmente.

Quinhentas caixas.

Naqueles anos valiam ouro.

Difíceis de conseguir.

Caras.

Indispensáveis.

As irmãs adoravam.

Sempre que o estoque estava acabando, o telefone tocava.

A Madre Superiora Maria Franca, de Forcella.

“Senhor Frega, talvez o senhor pudesse passar aqui para um cumprimento.”

Foi então que aprendi uma distinção importante.

Havia o cumprimento espiritual.

E havia o cumprimento social.

Um dia o diretor de vendas, Raffaele Di Tullio, ligou para casa procurando meu pai.

Infelizmente para ele, encontrou.

“Frega, bom dia. Como vai?”

“Bem, Doutor. Obrigado. Mas esta não é uma ligação de cortesia.

Diga.”

“Na sede estamos todos curiosos.

Gostaríamos de entender como um único vendedor conseguiu consumir trinta por cento de todo o material promocional distribuído na Itália.

Pura curiosidade.

Nada mais.

Entregamos ao senhor quase trinta e dois paletes de sacolas plásticas.

Estamos nos perguntando como vão os negócios.

Não os negócios da Gillette.

Os negócios de sacolas plásticas.

O senhor está vendendo?

Lucrando?

Ou prefere nos explicar o que exatamente está acontecendo?”

Meu pai não hesitou.

“Estou ajudando o Vaticano.

Eles têm recursos limitados.

Nenhum orçamento.

As Irmãs de São Vicente em Reggio Calábria, onde meu filho está crescendo, pediram uma pequena parceria na obra de caridade delas.

Como o senhor me ensinou, Doutor, não dei publicidade à iniciativa.

Sei que o senhor prefere que essas coisas sejam feitas em silêncio.

Sem publicidade.

Do jeito Gillette.”

Silêncio.

Um longo silêncio.

Enfim:

“Muito bem, Frega.

Vou mandar mais material.”

Durante oito anos as irmãs nunca compraram uma única sacola plástica.

Uma pergunta continua sem resposta.

E se elas tivessem transformado aquilo tudo em negócio?

Eram freiras.

Mas também eram mulheres.

Ninguém investigou.

Os primeiros meses de internato produziram pelo menos três incidentes que as irmãs acharam profundamente perturbadores.

Para mim pareciam perfeitamente normais.

O primeiro aconteceu durante uma brincadeira de esconde-esconde.

Toda vez que brincávamos, eu acabava inevitavelmente dentro dos quartos particulares das irmãs.

Eu era curioso.

Queria ver como as freiras eram sem o véu.

Minha maior descoberta foi uma irmã com o cabelo raspado quase rente ao couro cabeludo.

Depois disso, cada busca começava com o mesmo aviso.

“Procurem em todo lugar.

Aquele diabo pode estar escondido em qualquer canto.”

Eu tinha virado o pesadelo delas.

O sentimento era inteiramente recíproco.

O segundo incidente aconteceu durante a missa da manhã.

Todo dia às dez e meia as crianças formavam fila ao sair da capela.

Uma irmã estendia o rosário e fazia uma pergunta simples.

“Quem é o ser mais poderoso da Terra?”

Todos davam a resposta autorizada.

“Jesus Cristo.”

Depois beijavam o rosário.

Certa manhã fiz um pequeno ajuste no ritual.

Em vez de beijar o rosário, beijei o hábito da irmã.

Então eu disse:

“Meu pai diz que as mulheres são mais poderosas que Deus.”

A reação foi imediata.

Meus pais foram convocados antes do almoço.

A instituição queria expulsar o diabo.

Um cheque suficientemente generoso transformou pecado em preocupação.

A preocupação desapareceu com notável rapidez.

O cheque tinha seis zeros.

As velhas liras italianas eram muito persuasivas.

Os anos passaram romanticamente sob a proteção da inocência.

As festas de bolo eram apenas oportunidades de comer de graça.

O teatro era uma oportunidade de dizer a verdade.

Toda vez que eu fazia o papel de príncipe, informava a plateia de que a princesa não devia ser beijada porque era feia e tinha mau hálito.

As professoras discordavam.

Por fim chegou o quinto ano.

E depois o exame final.

Um membro da banca deixou um pensamento particular escapar para o espaço público.

“Até que enfim.

Estamos nos livrando dele.”

Tudo parecia resolvido.

Tudo parecia terminado.

Esperei trinta anos.

Depois voltei.

Fiz um pedido de lâminas de barbear Gillette.

Pagamento antecipado.

Ninguém nunca perguntou como uma coisa dessas tinha se tornado possível.

Passaram-se sessenta e um anos.

Ainda hoje restam perguntas.

Recentemente minha filha olhou para mim e disse:

“Desculpa, Nando.

Eu não te chamo de pai.

Mas quem diabos é você?”

Ah.

Ahahahah.

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️